

Banco de Dados de Neurolinguística: ver, analisar, intervir, teorizar

Fernanda Maria Pereira Freire¹, Maria Irma Hadler Coudry²

¹ Núcleo de Informática Aplicada à Educação, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. ffreire@unicamp.br

² Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. coudry@iel.unicamp.br

Resumo. O Banco de Dados de Neurolinguística foi construído com o objetivo de dar visibilidade à dinâmica do acontecimento discursivo que caracteriza a atuação da Neurolinguística Discursiva. Tal acontecimento ocorre em meio a práticas discursivas diversas que se dão entre diferentes interlocutores (com e sem patologia) considerando as condições em que os enunciados são produzidos. Assim, o Banco de Dados de Neurolinguística suporta a transcrição de dados de linguagem em suas condições reais de produção, constituindo uma ferramenta metodológica aberta, fundamental para as pesquisas da Neurolinguística Discursiva, porque evidencia a ocorrência de *dados-achados* cuja interpretação permite o movimento teórico dessa área de estudo.

Palavras-chave: Neurolinguística, banco de dados de neurolinguística, afasia, dificuldades escolares.

Neurolinguistic Database: view, analyze, intervene, theorizing

Abstract. The Neurolinguistic Database was built in order to give visibility to the dynamics of discursive event that characterizes the Discursive Neurolinguistics. Such event occurs in various discursive practices between different partners (with and without pathology) considering the conditions under which the statements are made. Thus, the Neurolinguistic Database supports the transcription of language data in its actual conditions of production, constituting an open methodological tool, essential for the research in Discursive Neurolinguistic, because it highlights the occurrence of *dados-achados* which interpretation allows the theoretical movement of this study area.

Keywords: Neurolinguistics, neurolinguistic database, aphasia, learning difficulties.

1 Introdução: Neurolinguística Discursiva e Banco de Dados

Os pressupostos teóricos assumidos pela área de Neurolinguística Discursiva (abreviada como ND) partem de uma perspectiva discursiva que orienta a avaliação e o acompanhamento longitudinal de sujeitos, bem como a análise de dados de linguagem, com base em várias vertentes da Linguística e em estudos da Neurologia, Neuropsicologia, Fonoaudiologia, entre outros. Por que discursiva, essa Neurolinguística toma como ponto de partida teórico a *interlocução* (Benveniste, 1995) e tudo a que ela se refere: as relações entre os falantes de uma língua (dependentes das histórias de cada um), as condições que afetam a produção e a interpretação do que é dito; a conjuntura histórico-cultural que situa o conhecimento mútuo que se estabelece entre os interlocutores, o que cada interlocutor conhece a respeito do tema em questão. Para retratar essa multiplicidade de aspectos envolvidos na interlocução a ND construiu um banco de dados com características que mostram essa dinâmica, denominado de Banco de Dados de Neurolinguística (BDN).

A ND articula várias teorias e conceitos advindos de diferentes autores para tratar do estudo das relações entre cérebro/sujeito e linguagem na vida em sociedade, incluindo crianças que adquirem a língua materna oral/escrita ou uma segunda língua, afásicos e outros quadros neurológicos em que a linguagem está concernida, adultos pouco ou muito escolarizados, surdos, autistas, entre outros (Coudry & Freire, 2010). Assume a variabilidade como característica do funcionamento cerebral decorrente da contextualização histórica de processos linguísticos e cognitivos, tal como é proposto

por Vygotsky (1984 e 1987), Luria (1979), Coudry & Morato (1988), contrariando uma visão de funcionamento cerebral padrão, idealizada. Essa área se dedica, assim, ao estudo da relação heterogênea entre sujeito e linguagem, enfatizando a reversibilidade de papéis discursivos assumidos pelos sujeitos nas interlocuções das quais participam e que ocorrem em meio a diferentes *práticas discursivas* (Maingueneau, 1989) registradas no BDN.

Do ponto de vista metodológico, pode-se dizer que é a teorização que orienta o acompanhamento longitudinal desses sujeitos (com e sem patologias comprovadas) e a análise, *a posteriori*, dos dados produzidos em situações reais de uso da linguagem, o que ocasiona mudanças na relação que se estabelece entre a teorização e a sua aplicação (prática clínica/escolar), o que exige um cuidado especial no modo como transcreve seus dados. Assim, há uma forte conexão entre o que a ND considera como dado e a teoria que o reconhece e o explica possibilitada pelos registros no BDN, bem como entre a teorização e o acompanhamento longitudinal (Coudry & Freire, 2010).

Em se tratando de acompanhamento longitudinal há um conjunto de dados considerável, difícil de ser detalhadamente analisado. Assim, os estudos da área da ND assumem uma determinada metodologia, de base heurística e processual, como veremos a seguir, afinada aos seus princípios teóricos, que orienta a seleção e a análise de dados. A seleção de um dado pressupõe, antes de tudo, uma mudança de papel: de clínico a investigador. O investigador se desloca do *acontecimento discursivo* (do então presente) para o *evento discursivo* (o passado e o que dele restou) auxiliado pela visibilidade que o BDN confere aos dados de linguagem.

O BDN vem se desenvolvendo desde 1996 objetivando, especialmente, a transcrição, o armazenamento e a busca de dados produzidos em sessões individuais e em grupo do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/UNICAMP) e do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/UNICAMP). O funcionamento desses Centros (o primeiro voltado a afásicos e, segundo a crianças e jovens com dificuldades escolares, sobretudo de fala, leitura e escrita) se baseia em práticas discursivas verbais e não verbais que fazem sentido aos participantes que convivem entre si sistematicamente e que se reconhecem como um grupo de pessoas e como falantes de uma língua natural por partilharem de parâmetros culturais comuns (Franchi, 1975, 1977). Todas as sessões são filmadas, *decoupadas* e anotadas em diários de pesquisa pelos investigadores que delas participam para, posteriormente, serem transcritas de acordo com o BDN.

O objetivo deste trabalho é apresentar a evolução do BDN (seção 3) para incluir o conjunto de práticas discursivas teoricamente estabelecidas e que compõem o movimento teórico-metológico da área, bem como a transcrição de um dado de linguagem para exemplificar a visibilidade que o registro no BDN confere aos *dados-achados* (seção 4). Na próxima seção, apresentamos os princípios metodológicos que deram origem à construção do BDN.

2 BDN: Metodologia Heurística e Dado-achado

Tanto o acompanhamento clínico quanto o escolar seguem os princípios da ND e se assentam naquilo que Coudry (1986, 1996) denomina de *metodologia heurística*: investigador e sujeito, juntos, progressivamente *descobrem* as dificuldades do sujeito, visando superá-las, de acordo com a singularidade do quadro apresentado por ele. Em certo sentido o acompanhamento longitudinal é um espaço de encenação de textos, considerando que um texto “não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (Maingueneau, 2001, p. 85) e é essa encenação que se materializa na transcrição dos dados de linguagem analisados e interpretados nos estudos da área.

As práticas discursivas que ocorrem ao longo do acompanhamento permitem entrever o papel organizador da linguagem no processo de (re)organização do que aparece como dificuldade. Mas isso

não ocorre por si só. Investigador e sujeito comentam sobre o que fazem com a linguagem. Há um contínuo trabalho reflexivo de ambas as partes no sentido de compreender porque se faz uma ou outra atividade com a linguagem; porque se diz como se diz; porque se escreve do modo que se escreve, porque se lembra do modo que se lembra (Freire, 2005). O investigador, orientado pelo que já se sabe a respeito do quadro com base em uma perspectiva discursiva, procura interpretar o que ocorre no *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 1990) e pontua para o sujeito um certo *dado*: explica as razões pelas quais aquilo pode acontecer e quais recursos podem ser utilizados para lidar com a dificuldade; da mesma forma, indica as situações em que o sujeito consegue, com sucesso, tomar outro caminho. Assim, o sujeito passa a monitorar sua enunciação: um trabalho de revisão do que foi dito e de reformulação do que pode ser dito, mantendo uma *atitude responsiva* a propósito do que lhe é dito e do que diz (Bakhtin, 1999). Essas interpretações do investigador, portanto, se dão no curso da ação e mudam, mais ou menos, em função da dinâmica do próprio acompanhamento.

A retomada do acontecimento discursivo a *posteriori* requer do investigador um árduo trabalho de *garimpagem* dos registros em áudio e vídeo, bem como no diário de pesquisa, visando a transcrição de dados de linguagem e anotações das condições de sua produção no BDN, cuja configuração suporta tal materialidade. Exige, assim, uma atitude *contemplativa* do investigador: descentrar-se do momento da interlocução para nela achar uma boa explicação (Coudry, 1996). Para tanto, o dado precisa ter *visibilidade* na complexidade de seu acontecimento, daí a relevância para os estudos neurolinguísticos do BDN como ferramenta metodológica que expõe as condições verbais e não verbais de produção do dado. O BDN, portanto, não apenas auxilia o investigador na tarefa de transcrever dados, como também na busca e na identificação daqueles dados *singulares* e *achados* (Coudry, 1996).

Consideramos produtiva para os propósitos da ND, a formulação de *dado-achado*: aquele que resulta da articulação de teorias sobre o objeto investigado e o acompanhamento longitudinal (Coudry, 1996) e que contribui para revelar o que se procura compreender nesse processo. Daí a razão de a ND não se afinar aos princípios metodológicos de pesquisas de natureza quantitativa.

A identificação de dados-achados, fortalecida pelo registro no BDN, oferece indícios importantes a respeito da relação do sujeito com a linguagem, sendo representativos de um processo geral que se constitui continuamente e é marcado por diversas modificações ao longo de sua trajetória. Um achado, em geral, é produto de um fator *motivador* (Abaurre, 1996) que assume saliência para o sujeito no seu trabalho com e sobre a linguagem.

O dado-achado é produzido em situações dialógicas presenciais ou não, atuais ou não (*online* e *offline*). As produções *online* são aquelas que têm o acompanhamento e/ou intervenção do investigador bem como comentários do próprio sujeito. As *offline* derivam de contextos nos quais o pesquisador não está presente, embora esteja sempre *representado* de alguma forma (Benveniste, 1995). Essa diversidade de material linguístico pode ser extremamente rica em termos de análise e levantamento de questões teóricas, uma vez que o dado-achado pode *revelar* ou *encobrir* fenômenos linguísticos (Coudry, 1996).

3 Características do BDN e sua evolução

Para retratar a dinâmica das situações dialógicas o BDN dispõe de um sistema de notação e codificação, bem como de um sistema aberto de busca baseado em categorias descritivas para auxiliar a identificação de dados (Coudry, 2003). Mais importante, como já foi dito, é o fato de dar a (re)conhecer aquilo que antes podia estar oculto, contribuindo para o refinamento teórico-metodológico das análises neurolinguísticas empreendidas (e do acompanhamento longitudinal), especialmente aquelas que envolvem a avaliação de processos de significação verbais e não verbais,

que levam em conta o funcionamento articulado da linguagem em níveis, bem como a relação da língua com outros sistemas semióticos (Coudry, 2003).

A tabela do BDN mais utilizada pelos pesquisadores é composta por seis colunas: (1) Código de Busca para permitir a seleção de certos enunciados; (2) Numeração das Linhas para facilitar a análise e a discussão dos dados; (3) Sigla do Locutor; (4) Transcrição propriamente dita; (5) Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal; (6) Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal (20), como mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Colunas que compõem o BDN

Código de Busca	Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal

Até que se chegasse a essa configuração foram feitos vários ajustes em função das hipóteses teóricas dos estudiosos da área, por um lado e das especificidades das práticas discursivas por eles utilizadas, por outro. Apresentamos alguns desses estudos que contribuíram para a evolução do BDN até o presente momento e que atestam sua plasticidade para incorporar novos aspectos que compõem a cena enunciativa em questão.

Fedosse (2000) em seu mestrado em Neurolinguística analisa dados linguístico-práticos extraídos do acompanhamento de um afásico, considerando o papel estruturante do *prompting* fonético, gestual e das cenas enunciativas para a produção oral e gestual. A autora propõe um procedimento para a avaliação da praxia buco-facial que se diferencia daqueles adotados por avaliações tradicionais que se assentam em comandos verbais descontextualizados. Para mostrar como se dá a produção oral do sujeito em questão, Fedosse se utiliza no BDN da coluna *Observações sobre as condições de produção do enunciado* (Tabela 2), uma vez que sem essa informação torna-se muito difícil compreender o trabalho do sujeito com e sobre a linguagem.

Tabela 2. Colunas do BDN ajustadas aos objetivos de Fedosse (2000)

Código de busca	Nº linha	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado
		lmc	Seu nome?	
		CF	CF	Tom: afirmativo

Mármora (2000) em sua dissertação em Neurolinguística, estuda a relação linguagem e praxia a partir de uma visão discursiva com o intuito de mostrar que a coocorrência desses quadros neurológicos se deve, justamente, ao fato de a linguagem estar envolvida e não por problemas de movimento, como levam a pensar os resultados de avaliações quantitativas, baseadas em testes neuropsicológicos padronizados, uma vez que neles a ordem dada ao sujeito é sempre verbal. Para mostrar como se estabelece essa relação entre linguagem e praxia para diferentes sujeitos cérebros-lesados, a autora introduz no BDN a coluna *Transcrição do gesto*, conforme mostra a Tabela 3.

Tabela 3. Colunas do BDN ajustadas aos objetivos de Mármora (2000)

Código de busca	Nº linha	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado	Transcrição do gesto
	1	lmc	Dona SL...		
	2	lmc	Agora a senhora vai pegar		

			o garfo		
	3	SL	Tá	Pega o garfo	Usa os dois primeiros dedos da mão direita em forma de pinça para pegar o garfo. Usa também a mão esquerda para segurá-lo.

Flosi (2003) ao estudar a relação dinâmica entre sistemas não verbais (gestualidade, desenho, percepção, memória) e verbais em dois casos de afasia em sua dissertação, constatou que em práticas discursivas que envolvem o uso da leitura e da escrita, a função reflexiva da linguagem favorece as relações entre os sistemas simbólicos. Para representar tal relação, a autora divide a coluna *Transcrição* em duas: uma para os *processos de significação verbais* e a outra para os *processos de significação não verbais*; a primeira delas, por sua vez, subdivide-se em *oral* e *escrita* (Tabela 4).

Tabela 4. Colunas do BDN ajustadas aos objetivos de Flosi (2003)

Código de busca	Nº linha	Sigla do locutor	Processos de significação verbais		Processos de significação não verbais	Observações do investigador
			Oral	Escrita	Gestos	
	1	llf	Como se chama sua mãe			
	2	NF	Assim eu não consigo.		Com a mão direita aponta para a boca e fala	Faz os gestos e fala simultaneamente.

A inclusão de *versões protocolares* (Coudry, 2001 e 2004) baseadas no uso de comunicadores à distância usados por Freire (2005) em seu doutorado com um sujeito com Síndrome Frontal leve, motivou novas modificações no BDN. Além das colunas que permitem a visualização da dinâmica de interações presenciais (enunciação oral entre o sujeito e o investigador) e à distância (enunciação escrita entre o sujeito e outro interlocutor) de forma complementar, subdivide a coluna *condições de produção dos enunciados* em três, para incluir o que acontece na interface do programa de comunicação utilizado, neste caso o ICQ, e que pode interferir na interlocução. Introduz ainda a coluna *hora* para dar ideia ao leitor do tempo dispendido pelo sujeito para falar e escrever (Tabela 5).

Tabela 5. Colunas do BDN ajustadas aos objetivos de Freire (2005)

Cod	Lin	Hora	Loc.	Transcrição	Condições de produção dos enunciados			Enunciados escritos
					Interface do ICQ	verbais	não verbais	
	30	16:25	ljo		Som de alerta			AL, você trabalha ou estuda?
	31		AL		Lê a mensagem na tela			
	32	16:26	AL		Digita o enunciado; clica no botão <i>Send para</i> enviar. Som de envio			So trabalho porinquanto
	33		AL	Pretendo...				
	34	16:27	ljo		Som de alerta			Que legal. Eu estudo. Você trabalha com quê?

As contribuições desses estudos foram fundamentais para a evolução do BDN e, portanto, para o registro do *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 1990), cuja leitura permite ao clínico refletir sobre o acompanhamento longitudinal, ajustando-o quando oportuno às necessidades do sujeito; permite ao investigador refletir sobre fatos de linguagem que se revelam como dados-achados, o que promove o movimento teórico da ND.

Por fim, convém esclarecer que para além da inclusão, divisão e renomeação de colunas da tabela do BDN, há uma constante preocupação dos investigadores da área com outros aspectos linguísticos fundamentais na representação da complexidade das interlocuções que ocorrem no CCA e no CCazinho, tais como o tom e o contorno melódico de enunciados (verbalizados ou não), a transcrição fonética de enunciados inteligíveis apenas foneticamente (cf. o *International Phonetics Alphabet*), o cuidado na transcrição dos enunciados com vistas a preservar marcas de oralidade que variam de registro para registro ou de falante para falante (Coudry, 2001).

4 Um dado-achado transcrito no BDN

Para retratar a relação entre dado e teoria (e vice-versa) e ressaltar o papel do BDN como ferramenta metodológica que dá visibilidade ao acontecimento discursivo, (re)apresentamos um dado produzido por um sujeito afásico durante o seu acompanhamento longitudinal (Coudry, Freire & Gomes, 2006). Para compreendê-lo, retomemos brevemente a história clínica do sujeito, aqui identificado pela sigla RS.

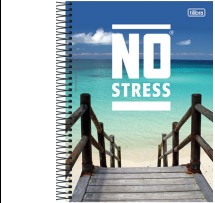

À época do estudo deste caso clínico, RS tinha 24 anos. O jovem havia sofrido, três anos antes, um grave traumatismo crânio-encefálico que atravessou todo o hemisfério esquerdo, envolvendo os lobos frontal, temporal, parietal e occipital, além de regiões subcorticais. A lesão cerebral o deixou com uma grave afasia¹ e uma hemiparesia do lado direito de seu corpo, apresentando dificuldades relacionadas à iniciativa, planejamento e monitoramento da atividade verbal, somadas a outras de natureza práxica que dizem respeito à produção verbal. Apresenta também dificuldades de seleção de segmentos fônicos para formar sílabas e de palavras para formar frases, acrescidas de alterações perceptivas e associativas que afetam a relação acústico-verbal envolvendo tanto a produção oral quanto a escrita, bem como associações visuo-espaciais.

Até o episódio neurológico RS frequentava um curso pré-vestibular, tinha uma intensa vida social, praticava esportes, lia muito, era bom aluno. O dado que será apresentado foi produzido cerca de um ano após o início de seu acompanhamento longitudinal individual e de sua inserção no Centro de Convivência de Afásicos (CCA, Grupo II, IEL/UNICAMP). RS falava e escrevia muito pouco, não lia, não soletrava e tinha dificuldades de cálculo; ainda assim, compreendia o que lhe era dito, sabia o que estava acontecendo a sua volta, usava celular, andava sozinho pela cidade e se ressentia muito das perdas que a lesão lhe impôs: sentia falta dos amigos, de ir às aulas, passear, praticar esportes, namorar, ler e escrever.

O dado apresentado a seguir (Tabela 6) dá visibilidade a duas dificuldades de RS: a soletração e a nomeação.

¹ De acordo com Luria (1977), trata-se de um quadro traumático grave e extenso, com sintomas de afasias anteriores (Dinâmica e Motora Aferente) e posteriores (Semântica e Acústico-Amnésica).

Tabela 6. No Stress (Coudry et al, 2006)

L	Loc.	Transcrição	Observações das condições de produção de enunciados verbais	Observações das condições de produção de enunciados não verbais
1	Iff	O que está escrito aqui?		Mostrando a capa do caderno 
2	RS		//pausa longa//	
3	Iff	Que letra é essa?		Aponta para o "N" na capa do caderno
4	RS	Ene		Olha para sua pasta que tem o símbolo da universidade e aponta para a palavra UNICAMP 
5	Iff	E essa?		Aponta para o "O" da capa do caderno
6	RS	Alimento Ovo	//pausa//	Olha à sua volta como quem procura alguma coisa
7	Iff	E essa?		Aponta para o "S"
8	RS	Sapo		
9	Iff	E essa?		Aponta para o "T"
10	RS	Tati		Aponta para a outra investigadora que está na sala
11	Iff	E essa?		Aponta para o "R"
12	RS	RS	Referindo-se ao próprio nome	
13	Iff:	E essa?		Aponta para o "E"
14	RS	A, bê, cê, dê E	//sussurrando//	Enumerando o nome das letras com os dedos
15	Iff	E essas duas?		Aponta para os dois "S"
16	RS	Sapo, sapo		

Fonte: Banco de Dados de Neurolinguística (BDN) - CNPq: 521773/95-4

Esse dado coloca em evidência os diferentes caminhos que RS toma na tentativa de dizer o nome das letras da expressão *No Stress*. Observe-se que ele só consegue dizer os nomes das letras "N" (linha 4) e "E" (linha 14), embora use expedientes diferentes para chegar a elas: para "N" precisa olhar (mecanismo perceptual) para uma outra palavra que contém a letra impressa em sua bolsa; para "E" recorre à sequência (automatizada) do alfabeto até chegar à letra desejada e se mantém nela marcando com os dedos os nomes das letras que sussurra.

Os nomes das demais letras – "O", "S" e "T" – não são produzidos. RS associa a representação gráfica da letra que lhe é indicada pela investigadora a palavras cuja escrita iniciam com essas letras. Interessante notar que a primeira associação que RS faz com a letra "O" também é de base perceptivo-visual: a forma circular da letra o remete a *ovo* e, talvez, ao enunciado cartilhesco "o de ovo", tal como ocorre para a letra "S" em suas ocorrências (linhas 8 e 16). Observe-se ainda que RS procura ao seu redor algo que contenha o "O", tal como fez na linha 4. É exatamente isso que ele faz em relação à letra "T" e vê, ao seu lado, a investigadora cujo nome inicia com essa letra.

A transcrição do dado na tabela do BDN nos permite ler e representar para outro leitor como RS trabalha com e sobre a linguagem que lhe restou lançando mão de processos alternativos de significação ainda instáveis, na procura de novos trajetos que venham a se constituir como preferenciais e produtivos modificando sua relação com a fala, leitura e escrita. Se o registro do

diálogo se restringisse apenas à transcrição do que foi dito, seriam perdidos aspectos cruciais para a intervenção clínica e para a compreensão das dificuldades de RS, o que certamente interferiria na análise qualitativa do dado.

5 Considerações Finais

A configuração do BDN passou, ao longo de décadas, por uma série de mudanças derivadas dos resultados obtidos nos estudos vinculados à área da ND. Os ajustes propostos visam representar os fatos de linguagem em sua variedade vernacular, produzidos em práticas discursivas, tendo em vista que se referem a investigações que se dedicam a diferentes objetos de estudo e envolvem múltiplos interlocutores: afásicos e não afásicos; crianças e adultos; crianças e crianças, etc. (Coudry, 2001).

Há um processo cíclico de elaboração do BDN e a sua utilização por pesquisadores revela uma *instabilidade necessária* (Campetela, 2002), constitutiva do movimento da teoria para o dado e vice-versa. É por esta mobilidade que o BDN não é apenas um depositário de dados, mas contempla categorias de descrição que são a base para pesquisas, como a análise de fatores não verbais para sua realização, como indicam os estudos de Fedosse (2000), Mármora (2000) e Flosi (2003) e/ou a interferência de outras materialidades simbólicas no fluxo da interlocução no trabalho de Freire (2005).

Por fim esperamos ter mostrado, com a apresentação do dado de RS, a importância do BDN como ferramenta metodológica na área da ND para *ver, analisar, intervir e teorizar*, devido à visibilidade que confere à interlocução viva que acontece entre os sujeitos que dela participam e a sua natureza plástica que permite ler/analisar os dados sob vários enfoques (fonológico, sintático, discursivo etc.).

Referências

- Abaurre, M. B. M. (1996) Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: Castro, M. F. C. (Org.) *O Método e o dado no estudo da linguagem*, (pp. 111-163). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Bakhtin, M. (1999) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, SP: Hucitec (1929).
- Benveniste, E. (1995) O homem na língua. In: Benveniste, E. *Problemas de Linguística Geral I*, (pp. 247-318). Campinas, SP: Pontes.
- Campetela, C. (2002) *O Banco de Dados em Neurolingüística na relação dado/teoria*. Anais do XXXI Seminário do Gel. Retirado de: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/CCII8b.htm>
- Coudry, M. I. H. (1986) *Diário de Narciso - discurso e afasia* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas). Publicada em livro em 1988 pela Martins Fontes, São Paulo.
- Coudry, M. I. H. (1996) O que é dado em neurolingüística? In: Castro, M. F. C. (Org.) *O Método e o dado no estudo da linguagem*, (pp. 179-192). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Coudry, M. I. H. (2001) *Relatório de Pesquisa CNPq: 521773/95-4 - Projeto Integrado em Neurolingüística: Contribuições da pesquisa neurolingüística para a avaliação do discurso verbal e não-verbal período 1999 a 2001*. Campinas, SP, 60p. Unpublished manuscript.

- Coudry, M. I. H. (2002) Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, 99-129.
- Coudry, M. I. H. (2003) *Registro de linguagem, gestos e percepção no Banco de Dados em Neurolingüística*. Trabalho apresentado no 51º Seminários do GEL. Taubaté, SP. Unpublished manuscript.
- Coudry, M. I. H. (2004) *Relatório de Pesquisa CNPq: 521773/95-4 - Projeto Integrado em Neurolingüística: Avaliação e banco de dados período 2001 a 2004*. Campinas, SP, 60p. Unpublished manuscript.
- Coudry, M. I. H., Freire, F. M. P. & Gomes, T. M. (2006) Sem falar, escrever e ler e ainda sujeito da linguagem. *Estudos Lingüísticos*, XXXV, 1375-1384.
- Coudry, M. I. H. & Freire, F. M. P. (2010) Pressupostos teórico-clínicos da Neurolingüística Discursiva (ND) In: Coudry, M. I. H., Freire, M. I. H., Andrade, M. L. F. & Silva, M. A. (Orgs.) *Caminhos da Neurolingüística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*, (pp. 23-48) Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Coudry, M. I. H. & Morato, E. M. (1988) A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 15, 117-135.
- Fedosse, E. (2000) Da relação linguagem e praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia, (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Retirado de: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000212323>.
- Flosi, L. C. L. (2003) *A relação dinâmica da linguagem oral com a escrita e gestos na afasia*, (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Retirado de: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000299960>
- Franchi, C. (1977) Linguagem - Atividade Constitutiva. *Almanaque*, 5, 9-27.
- Franchi, C. (1975) *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas).
- Freire, F. M. P. (2005) *Agenda Mágica: linguagem e memória*, (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas). Retirado de: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000376513>
- Luria, A. R. (1977) *Neuropsychological Studies in Aphasia*. Amsterdam: Swets & Zeitlinger B.V..
- Luria, A. R. (1979) *El cérebro en acción*. Barcelona: Fontanella.
- Maingueneau, D. (1989) *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes. (1987).
- Maingueneau, D. (2001) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez.
- Mármora, C. H. C. (2000) *Linguagem, afasia, (a)praxia: uma perspectiva neurolinguística*,

(Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Retirado de:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000213612>

Pêcheux, M. (1990) *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores.

Vygotsky, L. S. (1984) *A Formação Social da Mente*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1987) *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, SP: Martins Fontes.